

A MOTIVAÇÃO COMO FATOR PREPoderante NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.

Heber Junio Pereira Brasília¹

Brenda Lara Castro Moreira²

RESUMO

O presente artigo traz uma reflexão acerca da verdadeira finalidade do ensino da língua estrangeira nas escolas. Na escola são internalizadas estruturas mais complexas, o vocabulário é expandido e inicia-se a aprendizagem da função social da língua. Não existe melhor método, mas o mais adequado para um determinado contexto. O contexto envolve elementos sociohistóricos, um momento e as características específicas de alunos e professores. Não há como, de forma descontextualizada, atemporal e a priori, estabelecer o método mais adequado. Motivar alguém a fazer algo pode envolver muitos fatores diferentes, desde tentar persuadir uma pessoa diretamente até proporcionar boas oportunidades. Seja qual for a forma, o processo de motivação leva muito tempo. Especialmente em sala de aula, é raro fazer com que os alunos de uma hora para outra fiquem motivados. Não existe um botão mágico que possamos pressionar e fazer com que as pessoas queiram aprender, trabalhar mais e agir com responsabilidade. Da mesma forma, ninguém pode ser forçado a gostar de algo. Devemos enquanto professor, facilitar o processo e não forçar as pessoas a se tornarem motivadas.

PALAVRAS-CHAVES: Língua estrangeira; ensino; aprendizagem.

ABSTRACT

This article presents a reflection about the true purpose of foreign language teaching in schools. At school, more complex structures are internalized, vocabulary is expanded and learning of the social function of the language begins. There is no better method, but more suitable for a given context. The context involves sociohistorical elements, a moment and the specific characteristics of students and teachers. There is no way, in a decontextualized, timeless and a priori way, to establish the most appropriate method. Motivating someone to do something can involve many different factors, from trying to persuade a person directly to provide good opportunities. Whatever the form, the process of motivation takes a lot of time. Especially in the classroom, it is rare for students to be motivated overnight. There is no magic button we can push and make

¹ Licenciado em Letras e Filosofia, Graduando em Sociologia, Pós graduado em Inspeção, supervisão e orientação escolar, Pós graduado em Linguística, Mestre em Educação pela Universidade de Uberaba. Coordenador dos cursos de Pedagogia e Letras Português/Inglês e Letras Português Espanhol na FUCAMP- FUNDAÇÃO CARMELITANA MÁRIO PALMÉRIO.

² Graduada em Letras Português/Inglês pela da FUCAMP, Bolsista do PIBID.

people want to learn, work harder and act responsibly. Likewise, no one can be forced to like something. We should as a teacher, facilitate the process and not force people to become motivated.

KEYWORDS: Foreign language, teaching, learning.

A motivação do aluno é um fator que determina seu desempenho e dedicação para favorecer seu aprendizado em qualquer disciplina escolar. Assim, um dos principais papéis do professor, como mediador dos processos de ensino e de aprendizagem, é despertar e manter o interesse e a motivação de seus estudantes.

No caso do ensino de Língua Estrangeira, doravante LE, essa questão se destaca especialmente, porque o que se observa é que os alunos, inicialmente, apresentam interesse e até um certo entusiasmo em aprender outra língua, mas, à medida que o ano letivo avança, essa motivação diminui e, às vezes, chega a desaparecer.

No ensino de LE, o importante é que haja comunicação e compreensão entre os interlocutores, a saber, professor e aluno ou aluno e aluno. Entende-se que cada país possui suas características específicas, seja no vocabulário, na entonação das palavras, do uso de gírias e de modismos. Assim, ao aprender uma LE, mais do que a gramática e o vocabulário, o aluno será inserido em outra cultura, outra visão de mundo, outro modo de ser e de existir, porque a língua é o principal fator de identidade cultural dos indivíduos.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (2006), o ensino de LE implica uma Educação alicerçada na formação da cidadania, que não pode deixar de almejar a inclusão e a democracia. No entanto, a sociedade dos dias atuais precisa contornar dificuldades concernentes à precariedade de qualificação profissional, aliada a um ensino nem sempre de qualidade, excludente, que conduz à evasão escolar e a outros problemas educacionais.

No âmbito do ensino de LE, os PCNs apresentam significativas diretrizes no que diz respeito aos aspectos relevantes desse processo. Privilegiam uma Educação voltada aos interesses dos alunos, com vistas à expansão das habilidades comunicativas e à ampliação cultural, compreensão das diferentes formas de comunicação e das implicações das múltiplas normas linguísticas que convivem em um determinado tempo e em um dado espaço, além da adequação aos diversos níveis de formalidade que fazem parte do arcabouço linguístico de cada povo e de cada época.

A proposta dos referidos PCNs é:

[...] propõe trabalhar no âmbito da formação de indivíduos, de cidadãos –se focalizar um aspecto já mencionado anteriormente: o de trabalhar em prol de uma “alfabetização” dos alunos (indivíduos, cidadãos) (SOARES, 2004) condizente com as necessidades da sociedade em que vivem, de uma sociedade que tem as suas próprias características, porque é interpelada por uma história e uma cultura em constante construção e reconstrução (BRASIL, 2006, p. 97).

Nesse sentido, a língua é um dos (se não o principal) fatores de identidade cultural de um povo, de um grupo e de um indivíduo. Aprender um a língua não é apenas ter acesso a um novo vocabulário e a uma gramática diferente: implica a inserção do aluno em outra cultura, outra visão de mundo e outra forma de viver e de pensar. Se o professor não tiver consciência disso e não propiciar e facilitar o contato de seus alunos com outra cultura, o ensino de LE estará fadado ao fracasso.

A esse respeito, os PCNs afirmam:

[...] a disciplina Línguas Estrangeiras na escola visa a ensinar um idioma estrangeiro e, ao mesmo tempo, cumprir outros compromissos com os educandos, como, por exemplo, contribuir para a formação de indivíduos como parte de suas preocupações educacionais (BRASIL, 2006, p. 91).

Essa concepção de ensino de LE com vistas a formar um cidadão social pressupõe uma formação de um professor de LE que também seja um cidadão. E os pesquisadores universitários precisam estar atentos a esse aspecto. Alguns anos antes da promulgação dos PCNs, Tardif (2002) já sugeria que os pesquisadores das universidades trabalhassem nas escolas e nas salas de aula em colaboração com os professores. Tais professores, segundo o autor, não podem ser considerados como meros “sujeitos” de pesquisa, mas, sim, como colaboradores do processo de investigação.

Este artigo se justifica, no âmbito acadêmico, em razão da necessidade de averiguar os fatores comuns e destoantes presentes em escolas públicas e privadas e ainda em escolas de línguas, relacionados aos aspectos motivacionais ligados à aprendizagem e uma LE. Elementos como o contexto social, disponibilidade de recursos tecnológicos e carga horária de LE, associados às características dos alunos de escolas das diferentes redes são fundamentais no rendimento e na dinâmica das aulas de LE.

Segundo Bergmann,

A aprendizagem de uma língua estrangeira é diferente da aprendizagem de outras disciplinas, principalmente pelo seu caráter social, que prevê a interação, direta ou indiretamente, do indivíduo com povos e culturas diferentes da sua. Estando contemplada na área

de conhecimento das ciências humanas, a aprendizagem de uma língua adquire um caráter individual e único, já que exige processos cognitivos ligados à experiência de vida de cada indivíduo. Conhecer a comunidade na qual a língua-alvo está inserida é imprescindível, principalmente, se considerarmos a língua como um dos códigos que melhor representa a cultura de um povo (2002 p. 64).

Dessa forma, percebe-se que é cada vez mais importante identificar a relação de saberes intercambiados entre professores e alunos, para verificar em que extensão o professor de LE se coloca realmente como mediador do processo educacional e a consciência que ele próprio tem desses saberes e de como interferem na dinâmica da sala de aula.

Maurice Tardif, em sua obra denominada “Saberes docentes e formação profissional” (2002), analisa os saberes docentes e a sua relação com a formação profissional dos professores e como exercício do magistério. Para ele, o saber docente é um “[...] saber plural, formado de diversos saberes provenientes das instituições de formação, da formação profissional, dos currículos e da prática cotidiana”.

Essa ideia de pluralidade é o ponto de partida da discussão do autor. Afirma que só é possível classificar de forma coerente os saberes docentes quando esses saberes se associam à diversidade de suas origens e fontes de aquisição.

Tardif (2002) define quatro tipos diferentes de saber e simplificados na atividade docente: os saberes da formação profissional (das ciências da Educação e da ideologia pedagógica); os saberes disciplinares; os saberes curriculares e, por fim, os experienciais. Para ele, os saberes experienciais são os mais significativos, por constituírem o embasamento cultural do professor, embora os demais sejam também importantes. Um dos grandes desafios enfrentados pela educação, na atualidade, é exatamente esse: saber como aliar os diferentes tipos de saberes, em especial, o saber curricular/ científico e o saber escolar, o que causa grande estranhamento por parte dos professores de língua estrangeira ao adentrar a sala de aula; afinal, docente desmotivado é, bem provável, que não consiga motivar os estudantes.

Logicamente, essa inserção do professor e do aluno na cultura da LE pode ser um dos principais determinantes da motivação do aluno para aprender uma LE.

Motivação conceitos gerais

Iniciamos nossa discussão acerca da motivação apresentando algumas definições trazidas pelos dicionários e alguns construtos teóricos no escopo da Psicologia. Foram

selecionados tais construtos em razão de terem sido utilizados para o estudo da motivação no processo de ensino e aprendizagem de L2 e LE. Buscamos mostrar como a motivação pode ser abordada segundo diferentes perspectivas.

No Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa [2009], encontramos a seguinte definição para a palavra motivação no âmbito da Psicologia: “[...] conjunto de processos que dão ao comportamento uma intensidade, uma direção determinada e uma forma de desenvolvimento próprias da atividade individual”. O dicionário Michaelis (2009), por sua vez, define motivação como uma “[...] espécie de energia psicológica ou tensão que põe em movimento o organismo humano, determinando um dado comportamento”.

Por meio dessas assertivas, é possível afirmar que a motivação pode ser evidenciada a partir de um comportamento, além disso, ela é responsável por conduzir um indivíduo a uma realização de determinada tarefa, quando considerada uma espécie de energia. Ademais, podemos inferir que a motivação é uma atividade individual, contudo, pode ser engatilhada com ações externas aos seres, possibilitando-lhes aliar a sua essência motivadora com um *input*.

Piaget (1983 *apud* Godoi, 2001) nos esclarece que a Psicologia humana possui dois aspectos que devem ser levados em consideração, a saber: a cognição (ou conhecimento) e a motivação (ou pulsão). Como o objeto de estudo do presente trabalho, é válido ressaltar que, ao se considerar o ato de motivar, deve-se ter em mente duas categorias, que não devem ser tratadas separadamente, visto que ambas se complementam, que são o afeto e a cognição. Ambas são imprescindíveis para que a motivação ocorra em sua plenitude; afinal, “[...] a categoria afetiva é constitutiva do fenômeno motivacional, ao impulso (pulsão) em direção a um objeto do conhecimento” (GODOI, 2001, p. 13).

Frente a essas colocações conceituais, compreendemos que a motivação é imaterial, é uma energia que move os seres humanos a buscar seus ideais, seus sonhos e anelos mais profundos. Entendemos, também, que a motivação é interpessoal, pois apesar de fazer parte da individualidade da pessoa, pode ser estimulada por outrem.

Vigotsky (1978) já nos fazia refletir acerca do conceito de zona de desenvolvimento proximal, na qual o ser humano aprende com o outro em uma relação de trocas. Essa, por sua vez, segundo o teórico russo, ocorre por meio da desestabilização, pois somente por ela o indivíduo pode aprender e, quiçá, sentir-se motivado, ao ser desafiado por outrem.

E, por fim, dois elementos fundamentais para a motivação, em nossa concepção, se dão por meio da aliança de ambos: conhecimento e afeto. Os dois caminham juntos, pois o conhecimento possibilita as ações motivadoras que devem ser pensadas e programadas; contudo, a sua aplicação deve ter com cerne a afetividade, pois é por meio dela que as relações humanas se estabelecem e se concretizam.

2. Motivação e aprendizagem

Iniciamos esse tópico com a seguinte indagação: A aprendizagem do aluno está relacionada diretamente com a motivação ofertada pelo professor? Partimos do pressuposto de que não. Nem sempre o aprendizado do discente depende, exclusivamente, de fatores motivacionais, até mesmo porque o que pode colaborar para o desinteresse do aluno em sala de aula está relacionado com fatores emocionais ou afetivos na inter-relação entre o docente e o discente. Contudo, não podemos desconsiderá-la, haja vista que os professores são sujeitos muito importantes no processo de ensino – aprendizagem, ainda mais na atualidade, em que o aluno adquire o estatuto de estudante ativo em seu próprio processo de aprendizagem, deixando a crença de que não participa deste ativamente. É nesse contexto que iniciamos nossas reflexões.

Sendo assim, pode-se dizer que motivação é uma palavra que tanto os professores como os alunos usam amplamente quando falam sobre o sucesso ou o fracasso na aprendizagem de línguas e, segundo Zoltán (2009), trata-se de termo técnico tanto na Psicologia quanto na Linguística Aplicada, que diz respeito tanto à emoção quanto à cognição.

A motivação é considerada pelos autores como algo transitório, um processo que está em fluxo constante. Além disso, tem sido considerada tanto um fator interno para o aluno (por exemplo, a curiosidade individual ou interesse) e um fator externo determinado pela configuração sociopolítica do ambiente desse aluno (por exemplo, os usos linguísticos influenciados por seus relacionamentos).

Segundo Zoltán (2009), uma definição comum com a qual os pesquisadores concordariam é a questão fundamental de porque as pessoas se comportam de uma ou de outra maneira:

Accordingly, motivation determines the direction and magnitude of human behavior or, in other words, the choice of a particular action, the persistence with it, and the effort expended on it. [...] Motivation is responsible for why people decide to do something, how long they

are willing to sustain the activity, and how hard they are going to pursue it (ZOLTÁN, 2014, p. 519)³

O problema básico de se conceituar a motivação como a base do comportamento humano, segundo Zoltán (2014), é que há uma ampla variedade de formas,

[...] que vão desde motivos externos, como, por exemplo, recompensas e incentivos, a diversos tipos de pressão, de ameaça e de punições. Do ponto de vista interno, podemos ser motivados pelo amor ao dinheiro ou poder, o amor das pessoas e do mundo que nos rodeia, ou amor e de paz e liberdade ZOLTÁN, 2014. p. 519).

Para Gardner (2007), também não é fácil de definir a palavra motivação, ou seja,

It really isn't possible to give a simple definition of motivation, though one can list many characteristics of the motivated individual. For example, the motivated individual is goal directed, expends effort, is persistent, is attentive, has desires (wants), exhibits positive affect, is aroused, has expectancies, demonstrates self-confidence (self-efficacy), and has reasons (motives). (GARDNER, 2007, p. 2)⁴

Algumas dessas características são de natureza cognitiva, algumas afetivas e outras comportamentais. Ainda para Gardner, motivação para aprender uma LE não é tão simples, e não pode ser medida em uma escala.

Motivação para aprendizagem de línguas

A autora Al Rifai (2010) divide a motivação em duas frentes, quando se refere à aquisição de uma segunda língua: motivação para a aprendizagem de línguas e motivação para a aprendizagem em sala de aula. Segundo suas colocações, os alunos aprendem uma língua por razões instrumentais (*instrumental reasons*) ou por razões integrativas (*integrative reasons*): eles não aprendem uma segunda língua apenas para entendê-la ou realizar tarefas a respeito dela, ou por motivos de status; aprendem-na por

³Dessa forma, a motivação determina a direção e a magnitude do comportamento humano ou, em outras palavras, de escolha de uma determinada ação, a persistência nela e o esforço despendido por ela [...] A motivação é responsável pela razão de as pessoas decidirem fazer alguma coisa e por quanto tempo elas estão dispostas a sustentar a atividade e com que intensidade prosseguirão nela (tradução livre da pesquisadora).

⁴Não é realmente possível dar uma simples definição para motivação, embora se possam listar muitas das características do indivíduo motivado. Por exemplo, ele é dirigido para um objetivo, despende esforços para atingi-lo, é persistente, é atento, tem desejos (vontades), exibe um afeto positivo, é ativo, tem experiência, demonstra autoconfiança (auto eficácia) e tem seus motivos.

razões instrumentais tais como a promoção na carreira, ou por razões integrativas, como fazer amigos ou mesmo conviver em um país estrangeiro.

Entende-se que aprender uma língua não é simplesmente compreendê-la, mas que os alunos sejam capazes de resolver outras questões, incluindo a competitividade. Pode-se dividi-los em dois grupos: um que aprende a língua por questões de carreira, para ingressar em uma faculdade, para estudar textos, e outro grupo, que enfatiza a comunicação com outros indivíduos, sejam eles da mesma cultura ou não.

As interações com o outro social são, além de necessárias, fundamentais, pois delas emergem signos e símbolos da própria cultura de cada indivíduo, que, do ponto de vista genético, têm primeiro uma função de comunicação e depois uma função individual, à medida que o indivíduo se constitui.

Não obstante, alguns problemas se colocam na realidade do ensino de LE nas escolas, que precisam ser considerados. O primeiro diz respeito à existência de professores e de escolas cujo foco é o ensino dos aspectos formais da língua, sem perceber a necessidade de valorizar o segundo idioma, entender a importância de aprendê-lo para o próprio crescimento individual e para entender o outro e as diferenças e estar inserido no contexto atual. Além disso, em algumas escolas, os diretores, supervisores e professores de outras disciplinas dão menos importância às aulas de LE, por acreditarem que ela deva apenas preencher uma carga horária mínima. Dessa forma, os professores se sentem desmotivados e transmitem essa falta de entusiasmo aos seus estudantes.

Quanto à formação do professor, não se pode esquecer de que o curso de Graduação é o início e não o final do processo. É necessário que ele esteja atento à necessidade da formação continuada: pós-Graduação, situações de aprimoramento, treinamento em serviço e todas as demais oportunidades de crescimento como profissional e como cidadão.

Celani (2001) afirma que o professor de LE deve ser capaz de:

1. empenhar-se em afetar a vida de seus alunos (objetivo moral);
2. aprofundar o conhecimento pedagógico (conhecimento mais sofisticado sobre ensinar e aprender);
3. conscientizar-se sobre os amplos problemas da política educacional e desenvolvimento social;
4. trabalhar de modo interativo e colaborativo;

5. aprender a trabalhar em novas estruturas – redes de aprendizagem;
6. desenvolver o hábito e as habilidades de indagação e aprendizagem;
7. mergulhar nos mistérios, nos altos e baixos da complexidade dinâmica do processo de transformação (CELANI, 2001, apud SOUZA, 2006, p. 163).

Souza e Dias (s.d.) ainda pontuam que

Afetar a vida do aluno significa, em primeiro lugar, fazê-lo compreender que a educação é a forma mais nobre de se tornar uma pessoa melhor, pois quem hoje é aluno, futuramente terá uma profissão e modificará a vida de outras pessoas. Significa também mostrar-lhe que a escola é o local onde todos são iguais, onde todos devem ter a sua opinião respeitada, onde todos evoluem. Os professores que assim pensam, demonstram que realmente estão preocupados com seus alunos e sabem da importância do seu papel (SOUZA; DIAS, s.d., p. 8).

Não se pode esquecer de que as concepções dos professores a respeito do que seja ensinar e aprender uma LE exercem um papel fundamental em sua tarefa docente, por isso é importante investigar que concepções são essas e que papel exercem na (des)motivação dos alunos em aprender uma LE.

Para investigar a motivação dos alunos ou a ausência dela nas aulas de LE bem como as concepções e saberes dos professores a respeito dos e seja ensinar LE, esta pesquisa optou pelo método qualitativo de investigação que, segundo Silva e Menezes (2010),

[...] considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito, que não pode ser traduzido em números. A interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são básicas no processo de pesquisa qualitativa. Não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas. O ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados e o pesquisador é o instrumento-chave. É descritiva. Os pesquisadores tendem a analisar seus dados indutivamente. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem (SILVA; MENEZES, 2010, p. 9).

Contudo, o ato de ensinar uma língua estrangeira vai muito além. Como educadores, devemos mostrar que a LE é útil, transforma, faz progredir quem dela se apropria, nos insere no mundo, nos transforma em seres menos alienados e

consequentemente mais inteirados da situação global. Ela nos dá base para analisar, compreender, aceitar e participar da vida do outro, sendo ela apenas um caminho da qual possibilitará uma possível intervenção na sociedade e posteriormente no mundo.

REFERÊNCIAS

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas. **NBR 14.724, de 17.03.2011.** Informação e documentação, trabalhos acadêmicos, apresentação. Válida a partir de 17.04.2011. Rio de Janeiro, 2011.

AL RIFAI, Nada. **Attitude, motivation, and difficulties involved in learning the English language and factors that affect motivation in learning it.** Disponível em: <<http://www.science direct.com>> Acesso em julho de 2016

BERGMANN, J. C. F. **Aquisição de uma Língua Estrangeira:** o livro didático como motivador. Curitiba, 2002, 155 p. Dissertação (Mestrado em Letras - Estudos Linguísticos), Universidade Federal do Paraná.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura **PCNs Parâmetros Curriculares Nacionais**, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/book_volume_01_internet.pdf>. Acesso em jul. de 2016.

CELANI, Maria Antonieta Alba. “Não há uma receita no ensino da Língua Inglesa” **Revista Nova Escola**, ed. 222, maio de 2009

GARDNER, R.C. Motivation and Second Language Acquisition. **Porta linguarum** 9:9-20, junho de 2007. University of Western Ontario 2006.

GODOI, C.K. **Categorias da motivação na aprendizagem.** Florianópolis: Programa de Pós Graduação em Engenharia de Produção, 2001, 417 p (Tese de Doutorado).

PAZ, Octavio. Todos Santos, Dia de Muertos. In: **El labirinto de la Soledad.** Traduzido por Cynara Moreira Menezes. Mexico: Cultura Economica, 1994.

SILVA, Edna Lúcia da; MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação.** Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010. Disponível em <Http://projetos.inf.ufsc.br/arquivos/Metodologia da Pesquisa 3a edicao.pdf>.

SOUZA. A.E.; DIAS, C.N. **O ensino da língua estrangeira na escola pública e as proposições dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs):** um estudo reflexivo. Disponível em: <<http://www.letras/ufscar.br/linguasagem>> Acesso em jul 2016

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional.** 4. ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002.

ZOLTÁN, D. (2009). The L2 motivational self system. In: _____ **Motivation, language ideraitT and the L2 self.** Bristol, UK: Multilingual Matters, (p. 9-42), 2009.

BRASÃO, H. J. P.; DIAS, A. L.; MOREIRA, B. L. C.

VYGOTSKY, L.S. **Mind in society:** The development of higher psychological processes. Cambridge MA: Havard University Press, 1978.